



# Seu Nico:

## lembranças do mais antigo jornaleiro de São Caetano do Sul e um dos primeiros do ABCD

**E**ncontrei Antonio Luis Scimini, seu Nico – que, na época desta entrevista, estava com 75 anos e mais de 53 como jornalista – em São Caetano, sentado em um velho banquinho de madeira em frente à sua banca, numa esquina da rua Roberto Simonsen, onde ficava o antigo Cine Vitória. Foi nesse mesmo lugar que, em 27 de agosto de 1953, ele começou sua atividade como dono de bancas de jornais. Mas, diferente dos dias atuais, a velha rua Roberto Simonsen dos anos 50 era toda de terra preta e concentrava o movimento da elite de São Caetano. Eram momentos

difíceis, por um lado, mas de grandes ganhos, por outro. Difícil porque Nico levantava todos os dias às 4 horas da madrugada para buscar de trem em São Paulo as revistas para vender na banca: era preciso correr para chegar em São Caetano e abri-la às 6 da manhã. Foi nessa época que Nico ganhou muito dinheiro com a venda de suas revistas e jornais devido à falta de bancas na cidade (existia apenas a banca dos Sicilianos, na Estação, e a de dona Maria, ao lado da igreja Matriz) e ao ponto ser bem frequentado. “Tudo estava centralizado aqui: a Câmara, Prefeitura e os cartórios

Foto: Acervo/Família Scimini



*A famosa Banca do Nico, que existe desde 1953, sempre no mesmo local. Já recebeu presenças ilustres, como os presidentes João Goulart (Jango) e Jânio Quadros, além de diversos prefeitos da cidade*

ficavam onde foi o prédio do Cine Vitória. Fora isso, a banca dividia o espaço com o bar Vitória, que tinha mais de 60 mesas e enchia nos finais de semana. Aqui era um ponto bem freqüentado, onde está a gráfica era uma agência de avião e uma charutaria, tudo muito requintado. Fora isso, naquela época o pessoal tinha mais dinheiro, eles andavam de terno e gravata, era tudo muito chique. Os meus fregueses eram todos da alta sociedade, engenheiros da Cerâmica e até políticos famosos que vinham de charrete para não sujar os pés. O que eu vendia nas décadas de 50 e 60 não vendem metade hoje. Agora a concorrência é muito forte e nem tem público para as tantas bancas de São Caetano, mas embora os tempos não sejam tão bons, tenho uma clientela fiel”, contou.

Entre os que freqüentavam a Banca do Nico, estavam os diretores e jornalistas de um novo semanário que surgiu em Santo André, em 1958, o *News Seller*, e que daria origem ao atual *Diário do Grande ABC*. “O saudoso jornalista Edson Danilo Dotto, presidente do *Diário*, parou muitas vezes na

Banca do Nico para conversar com ele e ver como andavam os negócios. De tão popular, Nico foi convidado e aceitou ser diretor da Acascs - Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul. Permaneceu no cargo por 10 anos. Naquele tempo, anos 60 e 70, a Acascs tinha sede nos altos do Cine Vitória. Nico avistava sua banca lá embaixo sempre bem freqüentada”, diz Ademir Médici, jornalista e historiador do ABCD.

### **De Agudos para São Caetano**

Seu Nico nasceu em Agudos, no interior de São Paulo, e veio para São Caetano estimulado pela irmã, que já morava por aqui, e atraído pela oportunidade de trabalhar nas indústrias da cidade. Ele trabalhou de 1947 a 1948 na Cerâmica de São Caetano e depois foi para uma indústria de laminação na seção de metralhadoras, em Utinga. Lá, seu Nico trabalhou mais de cinco anos e viveu boas histórias. “Naquela época era fácil conseguir emprego. Depois que terminou o meu contrato na indústria, arrumei um outro emprego em

Foto: Acervo/Família Scimini



*Além de banca de jornais e revistas, o estabelecimento de seu Nico sempre foi um verdadeiro ponto de encontro na cidade*

Santo Amaro, mas era difícil o trajeto de condução, então descobri esse ponto e resolvi colocar a banca. Como tinha o Ponto Chic, pedi para usar apenas meia porta e ali coloquei a minha banca, então de madeira. Começou a dar dinheiro e, em 1959, atravessei para esse lado e comprei uma nova banca de um rapaz de Volta Redonda, no Rio de Janeiro. A banca era quadrada e bem maior, só mais tarde comprei a que tenho hoje. Quando entrou o Campanella em seu segundo ano, ele colocou uma lei de que as bancas precisavam ficar a 300 metros uma da outra, o que facilitou. Foi com o dinheiro daquela época que fiz meus três filhos se formarem na faculdade”, lembrou.

### **Castelo Branco, um dos melhores atiradores**

No entanto, Nico não se esquece das histórias que viveu na seção de metralhadoras. Foi lá que conheceu os militares Castelo Branco, Costa e Silva e Geisel. “Tínhamos que produzir mais de 5 mil metralhadoras e eles vinham à nossa seção para testá-las. Uma vez fui com eles para

Foto: Acervo/Priscila Gorzoni



*Seu Nico e a filha Marli*

Mauá testar as armas; em 1952, lá era só mato. Para fazer o teste, eu levava várias caixas de balas de 100 quilos e as metralhadoras, que eram de última geração, faziam 33 tiros em 3 segundos. O Castelo Branco atirava muito bem, cortava tudo com os tiros a 100 metros do alvo. Na volta, nós parávamos para almoçar na Anchieta e ele fazia questão de almoçarmos juntos. Eles nos deixavam seguros, impunham respeito”, lembrou.

### **Amizade com Massei e Campanella**

A relação dos prefeitos e políticos com a população também era bem diferente naquela época, e seu Nico teve uma grande amizade com alguns deles. “No tempo do Campanella muitos deles saíam da Prefeitura que ficava aqui e vinham conversar comigo na banca. O próprio Campanella sentou-se várias vezes no caixote que eu usava dentro da banca. Na primeira eleição do Massei e do Campanella, eles não tinham artista para falar, então eles mesmos davam o seu recado. Cheguei a conhecer o Juscelino e o Jango que vinham almoçar sempre por aqui. Embora fossem pessoas simples, demonstravam a personalidade forte. O Jango sempre dizia que um dia eu iria votar nele, já que, como meu pai, eu era ademarista (*nome dado às pessoas*

## As bancas mais antigas de São Caetano

“Estão em São Caetano as mais antigas bancas de jornais e revistas do Grande ABC, segundo levantamento realizado pelo *Diário*. Das 50 mais antigas bancas da região, 21 esparramam-se pelo centro de São Caetano e seus bairros. E destas 21, duas foram abertas em 1950 e uma terceira em 1953”, relata Ademir Medici.

| DATA       | LOCALIZAÇÃO          | PROPRIETÁRIO                |
|------------|----------------------|-----------------------------|
| 1/2/1950   | Centro/Estação       | José Milton de Souza        |
| 1/2/1950   | Prosperidade         | José Carlos Gnan            |
| 27/8/1953  | Roberto Simonsen, 22 | Antonio Luiz Scimini        |
| 1/2/1960   | Cardeal Arcoverde    | Rosa Maria Duarte           |
| 1/2/1960   | Av. Goiás, 1805      | Fernando Luiz Chimini       |
| 1/8/1960   | Rua Francesco        | Coppini Eliseu Torreglosa   |
| 28/2/1965  | Rua Nelly Pellegrino | Valder Ferreira da Hora     |
| 29/9/1965  | Visconde de Inhaúma  | Santelmo Alves Ribeiro      |
| 1/2/1967   | Av. Paraíso, 1153    | Reinaldo Quaglio            |
| 1/2/1967   | Rua João Pessoa, 213 | João Guimarães dos Santos   |
| 10/8/1968  | Rua Amazonas, 2170   | Mônica Rinaldi              |
| 1/2/1969   | Av. Goiás, 550       | José Alair Rosado           |
| 1/2/1970   | Rua Maranhão, 367    | Paulo Fernandes da Silva    |
| 2/5/1970   | Cerâmica             | Luiz Carlos Ferrari         |
| 1/2/1971   | Fundação             | Pedro Lucca Rosado          |
| 2/2/1971   | Santo Antonio        | Celso da Silva Coelho       |
| 14/7/1972  | Boa Vista Zuleide    | A. Camillo                  |
| 10/10/1973 | Santa Maria          | José Soares dos Santos      |
| 10/3/1976  | Barcelona Paulo      | R. Passacantilli            |
| 2/7/1976   | Rua Piratininga, 810 | Adriana Maria de Souza      |
| 28/3/1978  | Oswaldo Cruz         | José Ribamar B. de Mendonça |

Fonte: *Diário do Grande ABC*, Ademir Médici

*favoráveis a Adhemar de Barros, político de São Paulo*). Com ele aconteceu um fato curioso. Uma vez descobriram uma loira e a história acabou saindo em uma revista chamada *Noite Ilustrada*. Um dia ele me chamou e disse: quando chegar essa revista do Rio o senhor me vende todo, que o meu motorista passa para pegar. Dito e feito: durante três semanas, o motorista dele passou e comprou todas as revistas. Também vinha aqui o Jânio e o Adhemar de Barros. Todos os comícios e festas eram centralizados na praça central, e todo

mundo ia porque aqui não havia grandes opções de lazer”, contou.

Em julho de 2006, seu Nico recebeu da prefeitura a Medalha Di Thiene, concedida a personagens de destaque no município que contribuíram para o desenvolvimento da comunidade. Seu Nico faleceu meses depois, em 26 de março de 2007.

(\*) Priscila Gorzoni, jornalista